

INSTINTO, SENTIMENTO E MELANCOLIA: AS SIGNIFICAÇÕES PSÍQUICAS DA MORTE EM TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA

Lorena de Araújo Souza
(PPGL/UNIMONTES – Mestranda)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA	
<p>Lorena de Araújo Souza é graduada em Licenciatura Plena em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Montes Claros – Campus Januária (2019). É membro do Laboratório de Teorias do Poético da UNIMONTES/Januária. Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros.</p>	
RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente artigo apresenta um estudo comparativo sobre as significações da morte no romance <i>Tereza Batista Cansada de Guerra</i> do escritor regionalista Jorge Amado, examinando-as a partir dos pensamentos psicanalíticos de Sigmund Freud. Para explorar os diferentes significados, fez-se necessário analisar a morte e as atitudes da protagonista, Tereza Batista, em torno desse fenômeno com base nos conceitos freudianos estudados em seus ensaios <i>O Ego e o Id</i>, <i>Luto e Melancolia</i> e <i>Além do princípio do prazer</i>. A partir dessas análises observou-se que a morte é revelada no romance através do medo, do luto, da melancolia, dos instintos e dos conflitos do Eu, sendo um fator decisivo para o comportamento emocional da protagonista.</p>	<p>This article presents a comparative study about the meanings of death in the Literary work <i>Tereza Batista Cansada de Guerra</i> written by regional author Jorge Amado, hereby we propose to investigate these meanings with references to Sigmund Freud's psychoanalysis theory. In order to explore these different meanings, it was necessary to analyze the death and the main character's behavior, Tereza Batista, around the studies Based on Freud's essays in <i>The Ego and the Id</i> and <i>Beyond the Pleasure Principle</i>. From these analyzes we observe that death is revealed in the novel through fear, grief, melancholy, instincts and conflicts of the self, being a decisive factor for the emotional behavior of the protagonist.</p>
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura Brasileira; Psicanálise; Morte	Brazilian Literature; Psychoanalysis; Death

INTRODUÇÃO

A morte sempre foi fonte de inspiração para as artes, especialmente na área da Literatura. Diversos escritores, utilizando-se de suas capacidades criativas, compuseram obras literárias que a discutem, construindo um jogo em que ora a apresentam em seu aspecto natural, biológico, ora como castigo, saudade, separação, ruptura ou como viagem, renascimento, deslumbramento, vingança. Destacamos, em especial, o escritor Jorge Amado, que também discute a morte em seu romance *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1979), considerado por Bosi (1980) uma narrativa populista escrita em 1972. Esse romance conta a vida de Tereza Batista, uma personagem que enfrenta conflitos e atribulações, vivendo ao lado da peste, da fome, da guerra, do amor e principalmente da morte, que reconstrói a personagem, dando-lhe novos rumos e perspectivas para construir a sua jornada. Uma narrativa que, de acordo com a professora de literatura Claude Guméry-Emery (2008, p. 74), exalta “[...] as forças de vida (o eros) contra as forças de morte (o thánatos) [...] de um escritor universal que falou de problemas universais.” Uma dessas questões universais é a finitude humana.

No romance conhecemos a história de Tereza Batista, uma jovem menina órfã de pai e mãe, vendida pela tia ao capitão Justiniano, que nas terras dele, é tratada como propriedade, inclusive do ponto de vista sexual. Mas Tereza luta até o fim contra as dominações a que se vê submetida para livrar-se do capitão, recusando-se a aprender a ter medo e desobedecendo suas ordens para não ser violentada. Ela aprende a temê-lo quando em sua segunda tentativa de fuga o capitão queima os seus pés com o ferro de engomar cheio de brasas, despertando assim o seu medo da morte.

Em outro momento da história, surpreendida pelo capitão ao lado do amante Daniel, Tereza é obrigada a se defender das violências de Justiniano com uma faca, matando-o. Presa, ela é libertada por Emiliano Guedes, usineiro rico e antigo admirador que a leva embora para sua casa na Estância. Os dois passam a viver como amantes, porém os dias amorosos são interrompidos devido à morte de seu companheiro, que deixa Tereza entristecida, vivendo o luto pelo seu amor perdido. Após a morte de Emiliano, entregue a si própria e ao destino, ela vai para Sergipe, onde suas desventuras continuam: a moça torna-se prostituta e sambista de cabaré em Aracaju; apaixonou-se por Januário Gereba, um homem casado; combate uma epidemia de varíola ao lado das prostitutas da pequena cidade de Buquim, dando auxílio aos doentes da *Bexiga Negra* e enfrentando o perigo das mortes causadas pela doença; depois, muda-se para Salvador, onde, após liderar um movimento de prostitutas, recebe uma falsa notícia de que Januário falecera em um naufrágio, ficando profundamente destruída, com o olhar de uma pessoa morta, de um defunto vagando pela rua. Na saga dessa heroína não faltam atribulações e

conflitos diante do fenômeno da morte, que ela vai enfrentar ao longo da narrativa.

Essas atitudes e emoções da personagem, Tereza, em relação à realidade da morte, manifestam uma possibilidade de compreendermos o seu comportamento mediante o funcionamento da psiquê humana. Para isso, consideramos alguns ensaios do psicanalista Sigmund Freud, tais como Luto e Melancolia, Além do princípio do prazer, O Ego e o Id, que discutem as atitudes humanas diante da morte.

1 O MEDO DIANTE DA MORTE

Os leitores do romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*, escrito por Jorge Amado (1979), recordam-se da árdua trajetória da personagem principal, Tereza Batista, desde a infância perdida até a fase adulta em seus amores e sofrimentos, enfrentando os empecilhos e as alegrias do amor e os melancólicos e felizes momentos de morte. A personagem embarca em um destino de peste “[...] fome e guerra, morte e amor, a vida de Tereza Batista é uma história de cordel” (AMADO, 1979, p. 10), como antecipa a epígrafe da narrativa, que enfatiza a sua condição humana diante do amor e da morte, dois elementos fundamentais durante todo o percurso para a construção e transformação da personagem. Mesmo que o escritor Jorge Amado tenha apresentado em seu texto as denúncias sociais por meio dessa personagem que sofre o abuso, a violência e as mazelas no Nordeste brasileiro, a maior guerra que Tereza constantemente enfrenta são os conflitos psíquicos, os sentimentos de medo, de dor, prazer, luto, melancolia, alegria, liberdade entre Eros e Thanatos.

Primeiramente, para compreendermos as atitudes e os sentimentos da personagem em relação à morte, é importante conhecermos alguns conceitos discutidos por Freud (2011) sobre a mente humana, que permitem a produção de reflexões e questionamentos sobre o comportamento e o desenvolvimento emocional dos indivíduos diante da finitude da vida. Em seu texto *O Eu e o Id* (2011), ele declara que a mente humana é dividida em Id, Ego e Superego. O Id é a parte inconsciente, uma parte obscura da nossa personalidade que envolve os instintos, desejos, experiências reprimidas, ligados ao princípio do prazer. A partir dos instintos – forças impulsionantes que incitam as pessoas em busca de um objeto que fornece satisfação – o Id enche-se de energia para simplesmente satisfazer suas necessidades, procurando a realização do prazer. O Ego (Eu) é representado pela razão que se liga ao consciente que domina as descargas de excitações do mundo externo, isto é, todas as percepções sensoriais (sensações e sentimentos) que surgem do interior da psiquê e que vêm de fora. O Ego, logo, é uma parte modificada do Id que se adequa à realidade ameaçadora do mundo exterior. O Superego é uma instância

herdeira dos métodos punitivos e proibidores dos pais que castigam, mas também concedem proteção e provas de amor. É uma consciência moral de cada indivíduo que julga como advogado os impulsos do inconsciente. Além disso, ele também é um portador do ideal do Ego, no qual existe uma busca de perfeição do Ego comparando-se com seu ideal. Por esse motivo, o julgamento ao comparar o Ego com o seu ideal provoca um sentimento de culpa, visto que o superego exercendo sua função moral irá julgar as realizações do Ego.

Freud (2010a) defende também, em Além do princípio do prazer, que esses processos mentais são regulados pelo princípio do prazer, sendo estimulados por uma tensão desprazerosa que evita desprazer ou gera prazer. Esses prazer e desprazer estão relacionados à quantidade de excitação, em que o desprazer equivale ao aumento e o prazer corresponde à diminuição dessa quantidade. O aparelho mental irá se dedicar a manter a excitação baixa ou constante, visto que tudo que leve a aumentá-la vai provocar desprazer. A boa parte do desprazer que sentimos é um desprazer percebido pela urgência de instintos insatisfeitos ou percepção externa que causa expectativa desprazerosa no processo mental, sendo entendida como um perigo. As reações diante dos instintos e das ameaças de perigos manifestadas nas atividades do aparelho psíquico podem ser dirigidas pelo princípio do prazer.

Segundo Freud (2010a), esses processos da mente estão ligados no jogo de forças dos instintos elementares. Com a Psicanálise apoiando-se na Biologia, esses instintos são explicados pelas reflexões de processos que constituem a vida e conduzem à morte, admitindo duas espécies de instintos que estão relacionados aos processos opostos de construção e desintegração do organismo. Alguns deles buscam o objetivo de conduzir o ser vivo à morte, denominando-se instinto de morte, que se volta para o mundo externo por meio da ação com uma tendência agressiva ou destrutiva. Os outros seriam os instintos libidinais sexuais ou da vida, que foram comumente denominados de Eros, cujo objetivo é manter o prosseguimento da vida. São forças conflituosas instintivamente básicas, biológicas, contínuas e não resolvidas. A maioria dos nossos pensamentos e ações evoca não apenas uma força de cada vez, mas ambas, sempre em combinação.

A protagonista inicia o seu primeiro contato com o instante de morte no capítulo A menina que sangrou o capitão com a faca de cortar carne seca: vendida aos 12 anos de idade por sua tia Felipa para o capitão Justiniano Duarte da Rosa, Tereza Batista foi tratada por ele como sua propriedade e escrava sexual. Presa dentro de um quarto pequeno e escuro no fundo da casa do capitão, ela lutou até seu último fôlego para livrar-se dele, recusando-se a aprender a ter medo e desobedecendo as suas ordens para não ser violentada. Passou dois meses apanhando sem sentir medo de Justiniano, apenas ódio. Ela aprendeu a temê-lo quando em sua segunda tentativa de fuga o capitão queimou os

seus pés com o ferro de engomar cheio de brasas. Ele constatou, enfim, o medo nos olhos de Tereza. A partir dessa cena, a menina passou a temer o capitão e a ser obediente, pois é despertado o seu medo da morte. Surgiu, então, a primeira face da personagem: Tereza Medo.

Foi exatamente com medo que Tereza conviveu por mais de dois anos em companhia do capitão. Nesse período de sua vida, os dias para ela significaram “[...] apenas dor, sangue, sujeira, amargura, servidão [...] e o único sentimento poderoso no peito de Tereza, o medo” (AMADO, 1979, p. 123), porque, só de imaginar a ira na voz e nos gestos de Justiniano, imediatamente experienciava o sentimento de morte na sola dos pés e sentia o mesmo frio de terror de quando o vira com o ferro de engomar na mão. O capitão tornou-se um perigo e uma ameaça de morte para ela. Assim, o medo é um estado emocional que está relacionado com o perigo. O Ego da personagem Tereza reage diante de uma percepção externa, o ferro de engomar aumenta a quantidade de excitação, gerando desprazer e significando perigo. Segundo as concepções psicanalíticas de Freud, o medo requer um determinado objeto, do qual decorre um amedrontamento. Trata-se de um estado de contínua insegurança, de impotência diante da impressão imediata de que acontecerá algo que o indivíduo quer evitar, como corrobora Dalgalarrodo (2019) em seu livro *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Percebemos, dessa forma, que o medo da morte que ocorre em Tereza é como uma reação a um perigo externo: a morte se apresenta na narrativa como uma ameaça que transforma todos os seus dias em uma constante intranquilidade, tornando-a uma pessoa incapaz de reagir e de se defender dos poderes violentos do capitão Justiniano.

O mecanismo do medo da morte, segundo Freud (2014), também pode ser entendido como algo parecido com o medo da castração – o medo de ser separado por algo muito valioso: “O Ego reage com medo de ser abandonado pelo Superego protetor a ponto de não existir mais segurança contra todos os perigos” (FREUD, 2014, p. 27). Logo, pode ser definido como uma reação a situações de perigo e ameaça à integridade do sujeito. Essa experiência traumática de Tereza ao sentir o frio da morte mostra-lhe que esse fenômeno é irreversível e o seu Eu permanece vulnerável e indefeso diante da morte, temendo-a ainda mais.

Além disso, o temor da morte pode ser desenvolvido quando são negados os instintos vitais de uma criança, sendo o medo criado e utilizado contra essa criança para mantê-la submissa, conforme destaca Kovács (1992) em sua obra *Morte e desenvolvimento humano*. Isso é o que ocorre com a experiência negativa de Tereza ao sentir o capitão queimar os seus pés com o ferro de engomar, negando-lhe a força mantenedora da vida de querer fugir e livrar-se do perigo, construindo o medo e o utilizando contra ela para mantê-la obediente e amedrontada, silenciada pelo medo da morte que lhe aperta o

coração (AMADO, 1979, p. 124).

O medo da morte é uma característica essencial ao processo de desenvolvimento emocional da personagem nesse início da história, que modifica de forma significativa o seu comportamento e a sua subjetividade, já que anteriormente Tereza era uma menina alegre, solta, livre. Após o medo ser constatado em seus olhos, “[...] a menina risonha e dada, amiguetira, morrera no colchão do cubículo, na palmatória e na taca”, cheia de “[...] medo, Tereza viveu sozinha, não se apegou com ninguém, em seu canto, trancada por dentro” (AMADO, 1979, p. 126). A sensação de morte física sentida com o ferro de engomar transcorre para o seu Eu, que se torna amedrontado e morto, sem nenhuma esperança de vida. Mas esse medo de Tereza não dura por toda a narrativa. Quando a personagem começa a trabalhar no armazém da cidade por ordens do capitão Justiniano e conhece o estudante de Direito Daniel, iniciando com ele uma relação, o jovem desperta o seu primeiro prazer sexual e amoroso, de forma a desfazer completamente o seu medo. O relacionamento entre os dois contempla informações fundamentais na narrativa sobre os instintos de Tereza que podem ser esclarecidos por meio das concepções psicanalíticas de como ela perde o medo e assume uma decisão de libertar-se do capitão.

2 O INSTINTO DE VIDA E MORTE: PRAZER E AGRESSIVIDADE

A personagem Tereza Batista, depois de dois anos morando na casa do capitão, é mandada por ele para gerenciar seu armazém na cidade de Cajazeiras do Norte. No armazém, com o medo de morrer ainda permanecendo em seu peito, ela continua obedecendo a todas as ordens de Justiniano, gerenciando as vendas, mantendo toda a distância possível dos clientes masculinos, sem conversas e olhares. Mas um novo cliente que se encontra na cidade de férias, o estudante Daniel, doutor em malandragem, um conquistador de mulheres, desperta um novo sentimento em Tereza Batista. Ao visitar o armazém, ele conhece a moça e sente-se encantado por ela, começa a admirá-la com seus olhares sedutores. Ela, ao ver um belo homem, parecendo um anjo, sente-se enamorada. Quando ele vai embora, beija uma rosa vermelha e entrega para sua nova paixão.

O estudante, após conhecer a moça, começa a frequentar o armazém às escondidas e inicia uma relação amorosa com ela. Durante os encontros com o rapaz, Tereza experimenta o seu primeiro prazer sexual, redescobre o seu corpo, aprendendo a ter desejo e, finalmente, o seu medo vai desaparecendo: “A palpitante flor, a espada flamejante [...] se entregam ninguém lhe dá ordens e não tem medo pela primeira vez” (AMADO, 1979, p. 167). Em sua primeira noite, ela começa sendo uma, com medo do capitão descobrir sua traição, e termina sendo outra, ao florescer como mulher no calor de

uma brasa acesa.

Esse primeiro prazer sexual de Tereza pode ser entendido, no funcionamento da psiquê humana, como as tendências sexuais denominadas por Freud (2016) de Libido, uma força motriz dos instintos sexuais que vem dos órgãos genitais e de todo o corpo, obtendo excitação dirigida para um objeto. Os instintos de Tereza no ato sexual buscam e encontram a satisfação por um objeto, que pode ser uma pessoa, ou entidade, ou ideia. No caso da narrativa é o estudante. É um tipo libidinal erótico voltado para a vida amorosa, situação em que a pessoa deseja amar e ser amada. Social e culturalmente, esse tipo representa as elementares exigências instintuais do Id. Nessa perspectiva, a energia desses instintos relaciona-se com tudo que envolve o amor:

De repente despertada mulher, nessas rápidas noites de veloz transcurso abriu-se em poço de infinito prazer, floresceu em beleza. Antes era formosa menina, graça adolescente e simples, agora o óleo do prazer banhara-lhe rosto e corpo, o gosto e a alegria do amor acenderam-lhe nos olhos (AMADO, 1979, p. 179).

A moça, em uma noite de descoberta de amor, sentiu toda a sua libido apoiada nas suas necessidades vitais, semelhante a um desejo sexual em busca de satisfação, concentrando-se em seu objeto, Daniel, com oito noites de amor. Como a personagem não se encontrava mais em uma situação de perigo externo, o seu princípio do prazer domina os processos psíquicos de tal forma que seu primeiro objetivo foi evitar o desprazer e conseguir prazer com a relação amorosa, fazendo com que não sentisse mais medo. O Id, “[...] guiado pelo princípio do prazer, isto é, pela percepção do desprazer, defende-se delas por vários meios. Em primeiro lugar busca o empenho na satisfação das tendências diretamente sexuais” (FREUD, 2011, p. 45).

A sensação de satisfação e desejo é tão prazerosa que a moça decide não querer mais deitar-se com Justiniano. Assim, notamos na narrativa que a mente psíquica da personagem, movida pelos seus instintos libidinais vividos nas noites de amor com Daniel, impulsiona-a para a coragem, motivando-a a sair do sofrimento imposto pelo capitão, desejando tornar-se livre: “Aquela noite de chuva umedecera a terra gretada e seca, brotaram ternura e alegria sobre a dor antiga e o medo pânico. Por nada do mundo voltaria às penas do capitão” (AMADO, 1979, p. 169). Essa é a força mantenedora da vida, Eros, que a estimula a prolongar sua vida e a preservá-la: “[...] se queimou nas fogueiras do amor e renasceu Tereza Batista” (AMADO, 1979, p. 167).

Assim como os instintos de vida, os instintos de morte também agem em sua mente: em sua última noite de amor, a traição é descoberta pelo capitão, que, ao vê-la deitada na cama ao lado de seu amado, deseja matá-la ali mesmo. Percebendo que certamente seria morta por Justiniano e que Daniel, tremendo de medo, está sendo

maltratado e humilhado, Tereza, sem medo e impulsionada pelo ódio, assassina Justiniano com uma faca. A moça, então, transforma-se em outra: Tereza Medo Acabou. Logo, voltadas inicialmente para o interior e tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior e para os outros, manifestando-se sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição. O objetivo é a destruição do objeto. Quando a sua agressividade é voltada para algo do exterior, visando destruir objetos, nesse caso o capitão, o seu Ego tenta se preservar voltando a raiva para fora com o auxílio específico da musculatura. É a disposição ativa de defesa e autopreservação de Tereza para não ser violentada novamente pelo capitão. Essa força protege o indivíduo dos agravos e faz com que ele possa lutar para conquistar o seu espaço de vida, conforme declara Cassorla (1992) em seu texto Reflexão sobre a psicanálise e a morte. A pulsão de morte é percebida no momento em que Tereza, agressivamente, fere Justiniano com a faca, aniquilando-o:

[...] Volta-se e vê Tereza de pé, a mão erguida, um clarão nos olhos, a beleza deslumbrante e o ódio desmedido [...] É outra Tereza ali começando, Tereza Medo Acabou, estranha, parece maior como se houvesse florescido nas chuvas do inverno. É a mesma e é outra. [...] Mergulhando por baixo, Tereza Batista sangrou o capitão com a faca de cortar carne-seca (AMADO, 1979, p. 183-184).

Desse modo, em momentos diferentes, essas duas forças opostas de vida e de morte atuam no funcionamento psíquico de Tereza Batista, modificando a sua personalidade e o seu comportamento, visto que as suas atitudes e emoções são transformadas pelos seus instintos e desejos do Id e pelo seu Ego que, conscientemente, age conforme as percepções sensoriais da realidade a sua volta, que lhe foi apresentada sob a forma de perigo. Esses instintos sempre funcionam juntos, completando-se ou opondo-se em processo de diálogo, importantes e necessários para a manutenção da vida, governando nossas tendências naturais para a construção e destruição.

3 A OUTRA FACE DA MORTE: LUTO E MELANCOLIA

A morte, presente em determinados momentos durante o início da vida de Tereza Batista, continua em outros capítulos realizando modificações profundas em suas ações e sentimentos e, também, alterando o percurso de sua história: o luto e a melancolia são dois estados que também são importantes para a construção psíquica da personagem.

Após a morte do capitão, o percurso de Tereza Batista direciona-se para um novo rumo. Detida em uma delegacia devido ao crime cometido, a moça é solta com a ajuda e

por intermédio das ordens do personagem Emiliano Guedes, que decide levá-la para viver ao seu lado. Os dois, então, passam a viver como amantes no chalé em Estância. Essa parte da história, descrita no capítulo A noite em que Tereza Batista dormiu com a morte, é inicialmente apresentada por Jorge Amado a partir do momento em que o coronel morre especificamente na hora do ato sexual com Tereza Batista. Mas o que destacamos é o luto vivido por ela por causa da morte de seu amante. Durante as cenas narradas, dedicadas a contar os fatos da morte de Emiliano e o seu velório, podemos analisar o comportamento emocional da protagonista por ter perdido o seu afetuoso companheiro.

Em seu ensaio Luto e melancolia, Freud (2010b) explica dois estados relacionados com a morte: o luto e a melancolia. Inicialmente, para o entendimento das atitudes da personagem em relação à morte da pessoa amada, discutiremos sobre o luto. O luto, conforme esclarece o autor supramencionado, é uma reação à perda de uma pessoa amada, o que provoca um abatimento doloroso, a perda de interesse com o mundo externo, a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor, bem como um afastamento de toda atividade que não leve à lembrança do falecido. O ego manifesta uma dedicação exclusiva ao luto, não havendo interesses por outras ações. A confirmação dessas reações está presente na ausência, no desinteresse e na tristeza de Tereza Batista ao lamentar-se por não ser mais possível viver o amor com Emiliano, por estar sem a sua presença e a convivência de afetos e carinhos. No velório, “Tereza estremece, cobre o rosto com as mãos [...] fica ausente” (AMADO, 1979, p. 240), sente-se distante, sozinha, triste, lembrando os bons momentos vividos com o coronel. Nessas lembranças, são descritas as noites de prazer e união sexual em que a personagem apresenta a sua face Favó de Mel, entregando-se aos braços do amante com seus doces lábios. Assim, cada uma dessas recordações dos momentos amorosos de Tereza mostra a sua libido ainda ligada ao objeto perdido:

Ai, Emiliano, como viver sem mais aguardar tua chegada sempre imprevisível, sem correr para a porta do jardim ao reconhecer teu passo de senhor, ao ouvir tua voz de dono, sem me acolher no remanso de teu peito e receber teu beijo, sentindo nos lábios a cócega do bigode e a ponta cálida da língua? [...] Agora só me resta recordar (AMADO, 1979, p. 233).

A realidade mostra-lhe a triste evidência de que seu objeto não existe mais, então, o luto exige que ocorra uma separação. Porém, a ligação amorosa com esse objeto que recebia um investimento intenso de anseio ainda permanece. A impossibilidade de afastar do falecido esse processo de investimento produz um estado de desamparo psíquico, por isso a separação é tão dolorosa. Fica evidente, portanto, que, enquanto dura, o luto

absorve todas as energias do Ego da personagem. Por mais que o luto seja muito doloroso, ele acaba naturalmente. Quando o enlutado renuncia a tudo que perdeu, ele terá consumido a si mesmo, e sua capacidade amorosa (a libido) é novamente liberada para substituir objetos perdidos por outros novos, podendo até ser mais preciosos que os anteriores, como esclarece Freud (2014) em seu outro ensaio Inibição, sintoma e angústia.

A morte do coronel Emiliano descrita no romance encaminha Tereza novamente para outra etapa, já que, devido às circunstâncias de ser amante de um homem casado, ela fica ciente de que não há possibilidades e nem motivos para permanecer na casa que morava com ele; então decide ir embora. Sozinha e sem nenhum parente para ajudá-la, a moça torna-se prostituta e sambista de cabaré em Aracaju.

Foi exatamente sendo uma sambista de cabaré que Tereza conheceu o seu verdadeiro amor, o mestre de saveiro Januário Gereba, “[...] a quem encontrara outrora no porto de Aracaju e em cujo calor renascera seu morto coração” (AMADO, 1979, p. 195). Um amor intenso, forte, o único capaz de tocar-lhe o coração, que a levou novamente a se entregar aos braços de alguém com a sua face Favo de Mel. Durante essa etapa amorosa, são narrados encontros e desencontros dos dois amantes, o que provoca sentimentos melancólicos na protagonista. A partida do seu amado também lhe afeta intensamente, contudo ela espera o regresso de Januário do mar. No fim de suas últimas atribulações, ao saber que em uma das navegações o seu amado sofreu um acidente em alto-mar e perdeu a vida, a personagem atinge um estado profundo de morte.

A melancolia é outro estado caracterizado por Freud (2010b). Em conceitos psíquicos, assim como no luto, ocorre um desânimo, abatimento muito doloroso, um fim de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar, inibição de todas as atividades. O que diferencia os dois estados é o fato de na melancolia, além dessas características, haver uma diminuição da autoestima, um empobrecimento e um esvaziamento do Ego, que se expressa em recriminações e ofensas a si próprio. Ele suspeita que exista uma tendência patológica na melancolia; também pode ser uma reação à perda de um objeto amado, entretanto o objeto não morreu de fato, foi perdido como objeto amoroso, por exemplo, numa situação de abandono (FREUD, 2010b, p. 128-130).

A separação amorosa pode constituir-se na presença da morte em nossas vidas, e pode ser pior do que a própria morte porque significa uma rendição diante da morte ainda em vida, como afirma Caruso (1986) em seu estudo de aspecto psicológico *A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte*. Segundo o autor, a separação é a vivência da morte em uma situação de vida que se desenvolve em uma catástrofe do Ego: a separação produz uma morte na consciência, surgindo o desespero, em que a perda do objeto que, ao mesmo tempo, caracteriza-se como um poderoso elemento de identificação conduz a uma mutilação do Ego; ocorre, então, uma catástrofe devido à perda de

identidade e regressão que ameaça o Ego. A união de um casal não está somente ligada ao Ego, também compromete toda a personalidade, e sua ruptura não significa apenas uma simples perda como algo valioso. A perda ameaça o Ego no Id e em sua autocompreensão de identidade. Destrói-se uma identidade que se identifica com o outro, ou seja, a identidade sucumbe dolorosamente, pois a identificação com a própria identidade não pode ser abandonada.

No romance, em diferentes cenas, percebemos algumas características de melancolia em Tereza, exatamente por ela sentir que foi abandonada pelo seu amado. Depois de se conhecerem no cabaré Paris Alegre, Januário prometeu levá-la ao porto para mostrar sua barcaça. Mas ele não apareceu e Tereza se sentiu “[...] sozinha, mortificada, o amor-próprio ferido” (AMADO, 1979, p. 38). A perda do objeto de identificação ameaça a própria identidade de Tereza, e isso significa uma vivência de morte. A separação traz o sentimento de nunca mais, como na situação de morte, só que o companheiro não morreu. Acreditando que não encontrará mais o marinheiro, lastimou por ter se apaixonado por ele, recriminando o seu próprio coração, pois antes estava tranquila, em paz consigo mesma, e agora esse insensato coração a perturbava, queimando peito e boca (AMADO, 1979, p. 40). Essa reação mostra o seu sentimento de abandono por acreditar que perdeu o seu amado.

Em outro momento do romance, mestre Januário precisou partir e continuar suas viagens de trabalho no saveiro. Após sua partida, Tereza seguiu seu caminho. Em outros capítulos, novas situações enfrentadas pela moça são narradas, mas sempre enfatizando a profunda falta do seu amado que foi embora. Já no último capítulo, encontrando-se no cabaré Flor de Lotus na Bahia, Tereza decidiu procurar por Januário, sem, porém, conseguir encontrá-lo. A partir de então, a esperar por um possível retorno do amado, Tereza entrou em um estado melancólico e se viu novamente abandonada, sentindo uma “[...] dor aguda no peito [...] punhal fincado no peito” (AMADO, 1979, p. 194-195). Por causa da demora do regresso e do sentimento de perda do seu amado, a personagem é descrita em uma condição melancólica: “Também calada e melancólica, Tereza a fitar os saveiros cortando o golfo no caminho do Recôncavo”, “[...] tensa e ausente, os olhos no vazio, querendo perceber no tabuado curtido pelo sal das águas a lembrança, o gesto, o calor da mão de Januário” (AMADO, 1979, p. 323, 332). Essa situação é enfatizada quando o narrador do romance informa ao leitor que Tereza estava em tempo de desesperança e abatimento, acolhendo-se na afetividade de alguns amigos.

Mas a melancolia apresentava-se intensamente em Tereza Batista nos últimos episódios do romance, quando recebeu a notícia, porém falsa, de que Januário falecera em um naufrágio. O luto mal elaborado pode ocasionar um quadro melancólico em uma pessoa que, identificando-se com o objeto morto, inconscientemente, passa a viver como

um morto (KOVÁCS, 1992). É o que nos apresenta a narrativa ao relatar a condição da personagem que se encontrava profundamente acabada, destruída, vencida, com “[...] o olhar de uma pessoa morta, de um defunto vagando pela rua” (AMADO, 1979, p. 412). Tereza perdeu o interesse em batalhar pela vida: “[...] alegria ela não possui nem pode dar [...] já não lhe restam forças para pelejar” (AMADO, 1979, p. 414).

A perda do objeto amoroso torna o seu Ego pobre e vazio: “[...] carregada de defuntos morta por dentro, entregue, Tereza Batista se acabou” (AMADO, 1979, p. 413). Nesse momento de morbidez, ao se entristecer profundamente com a morte de Januário, é enfatizada a face de Tereza Cansada de Guerra. A mais intensa guerra que ela enfrentava consistia na que carregava dentro de si mesma: o peso de culpa dos mortos que sobrecarregava e oprimia o seu Ego. A narrativa admite uma compreensão de que ela enfrenta o mundo, mas não consegue encarar o seu sofrimento interior: o crime de assassinato contra Justiniano, a culpa de morte do coronel que morreu dentro dela no ato sexual e também um aborto que realizou para ficar com esse mesmo coronel em um “[...] instante cru e frio que desistiu do filho e dispôs da vida e da morte alheias” (AMADO, 1979, p. 272). Essas mortes foram carregadas por Tereza sem ela demonstrar desânimo e sem cair em desespero, é o que o romance nos descreve, entretanto o luto intensamente sentido pela sua grande perda provoca um abatimento muito doloroso e uma autodepreciação por suas atitudes do passado.

Esse sentimento de culpa consciente de Tereza é a tensão entre o seu Ego e o seu ideal do Ego, que deveria ser a mulher que não abortaria o seu filho por causa de um amante. O ideal do Ego expressa uma condenação das realizações do seu Ego por sua instância crítica. O seu Ego ficou tão enfraquecido, tão pobre, que se expressou pela sua recriminação em um sentimento de culpa: “Nos ombros de Tereza os mortos pesam, carga ruim” (AMADO, 1979, p. 411). Conforme Freud (2014) afirma, notamos que na melancolia o Ego não ousa reclamar, se reconhece culpado e se submete ao castigo de culpa. Essa severidade encontra-se no estado de melancolia causado pelo luto. E é nesse estado que o Superego se transforma em uma espécie de local de reunião dos instintos de morte, pois, conforme afirma Freud (2011), o indivíduo, ao controlar a sua agressividade para o exterior, mais aumenta a inclinação severa e agressiva do seu ideal do Eu diante do seu Eu. A melancolia vem carregada de culpa e, ao não expressar esse sentimento para fora, volta-se contra o próprio Eu. Logo, a protagonista cansada de guerra que não possui mais vontade de seguir em frente e nem de lutar contra as peijas da vida, ao sentir-se culpada e deprimida, investe todo o seu instinto de morte no seu Eu.

O abatimento de Tereza no romance durou até o momento em que mestre Januário reapareceu vivo. Ao constatar que ele não estava morto, ela se jogou nos braços do seu amado. No final da narrativa, ela decidiu ir embora com ele no barco. Quando os dois

estavam em alto mar, Tereza, impulsionada pelo instinto da vida, em prosseguir a sua vida, descarregou no mar todos os seus cadáveres interiores para começar uma nova etapa sem sofrimento e peleja. A cena descreve simbolicamente um funeral, quando a protagonista se liberta de toda a profunda tristeza dos mortos que pesavam em seus ombros, amenizando seu caos interior, que é finalizado com a entrega ao amor de Januário Gereba.

Durante a trajetória de Tereza Batista, constatamos que as descrições narradas no texto literário referentes à morte são importantes para a compreensão do comportamento e das atitudes da personagem, ambos movidos por essa força destrutiva e agressiva que a conduz à autodestruição e à morte psíquica do Ego. Assim, a personalidade da protagonista é construída por meio de seus processos mentais, que reagem diante do fenômeno da morte. A cada ocorrência de morte, podemos observar a sua face sendo modificada de Tereza Medo para Tereza Medo Acabou até Tereza Batista Cansada de Guerra, renovando, transformando e permitindo uma mudança em sua vida psíquica e social.

4 AS INTERPRETAÇÕES PSÍQUICAS DA MORTE: DO INIMIGO SILENCIADOR A UM ÓDIO DESTRUIDOR DE UM SENTIMENTO E FARDO PENOSO

A narrativa *Tereza Batista Cansada de Guerra* apresenta a morte como presença notável e significativa na construção do texto, atuando intensamente durante todo o romance e acompanhando o destino da personagem principal. A linguagem utilizada revela e expressa elementos caracterizadores que evidenciam o fenômeno da morte em diferentes significados. Por meio do processo de pesquisa e análise comparativa entre o romance e as teorias estudadas, apresentaremos as diferentes significações da morte presentes no texto narrativo, mostrando que a morte não é apenas o fim de um ser, mas também as diversas ideias e imagens apreendidas a seu respeito.

Notamos que, em um primeiro momento, a morte é sentida pela personagem de forma negativa, representando um desconforto para ela, pois perturba sua mente, provoca pensamentos tristes, sentimentos de saudade, além da solidão do seu próprio ser. Um fenômeno psíquico que não pôde ser alterado e que a aterrorizou, já que, no período em que esteve na casa da fazenda do capitão Justiniano, ela se sentiu sozinha e amedrontada, saudosa dos momentos vividos na casa de sua tia Felipa. A reação de medo da personagem, conforme as teorias psicanalíticas, manifesta-se pelo perigo de perder a vida, provocado pela morte. O que é perigoso assusta e aterroriza. O medo configura-se em uma resposta psicológica mais comum diante da morte, ou seja, em relação à própria

morte surge o medo do sofrimento físico e psíquico (KOVÁCS, 1992).

Diante disso, o que deve ser percebido, então, é que o objeto utilizado na cena como causador do medo da morte, o ferro de engomar, não é o perigo central para Tereza. Além do capitão, que se caracteriza como autor da ameaça de morte, é a própria morte que a narrativa enfatiza como o perigo que causa amedrontamento. Nesse sentido, a morte não se apresenta somente como um evento biológico de aniquilamento, mas também com o significado de um inimigo destruidor: “[...] a morte é o inimigo que os vivos passam suas vidas tentando superar” (KOVÁCS, 1992, p. 28).

Quando voltamos no tempo e analisamos a história e a cultura dos povos primitivos, descobrimos que as atitudes de medo em relação à morte foram sempre significativas. Os sistemas totêmicos dos homens pré-históricos, estudados por Freud em Totem e Tabu, mostram as atitudes diante da morte como um fenômeno psíquico, sendo experienciadas por esses primitivos como tradições de tabu que, de certo modo, ainda permanecem nas atitudes dos homens civilizados. Nesses povos primitivos, os mortos eram considerados inimigos, ainda que fossem pessoas amadas. Tanto as pessoas queridas quanto os inimigos eram concebidos como algo proibido, provocando, assim, o medo e o temor dos mortos. Esse comportamento psíquico de medo e tabu em relação à morte é decorrente da concepção de que pronunciar o nome do morto significaria invocar a sua presença, incentivando-o ir contra os sobreviventes, fazendo com que os enlutados realizassem cerimônias para manter o espírito afastado. Percebemos que o medo do retorno ou da presença dos mortos transformava-os em entidades demoníacas. Ou seja, o medo pode ser entendido como uma expressão do instinto de autopreservação, que funciona como um impulso para manter a vida contra a maior força de desintegração e perigo que a ameaça: a morte.

Ao mesmo tempo em que a morte pode ser entendida como um inimigo para a personagem, o romance também mostra em sua linguagem, após a experiência de sensação de morte, o silenciamento de Tereza diante do seu medo de morrer, utilizado como pretexto para a efetivação da submissão. O narrador, ao descrever a cena do ferro de engomar que queima os pés da protagonista, utiliza a metáfora *silêncio de morte*, comprovando assim que a sua subjetividade foi silenciada. Sob esse ângulo interpretativo, a morte é uma terrível brutalidade, significando o silêncio. Possui o poder de calar Tereza Batista, que, sendo um ser psíquico, é caracterizada como *trancada por dentro*, metaforicamente significando também o silêncio de morte dos seus sentimentos.

Esse primeiro significado de morte, relacionado ao comportamento da protagonista de amedrontamento, é desconstruído no romance ao ser revelada a relação dupla e oposta de seus instintos, possibilitando uma nova descoberta de seus sentimentos e de construção de sua personalidade: Eros e Thanatos. A pulsão de vida, Eros, consegue

retirar o seu medo e a impulsiona para a continuação de sua vida, desejando assim não permanecer em sofrimento, dor, servidão e com medo de morrer, todos provocados pelas atitudes do capitão. Quando a ameaça de morte retorna como um perigo para Tereza, a personagem tem o desejo de prosseguir e manter a sua vida por meio do serviço de Eros. Surge, então, a sua pulsão de morte, Thanatos, que, fertilizada pela pulsão de vida, deriva da agressividade normal para se proteger da ameaça de morte, fazendo com que ela assassine o capitão para salvar a sua vida.

Motivada por essa agressividade do instinto de morte, ao realizar a tentativa de assassinar o capitão, Tereza se transforma em outra, caracterizada na narrativa como *estranha*, enfatizando a sua extraordinária, diferente e incomum mudança de ações e sentimentos. Sua personalidade se transmuta de menina medrosa, Tereza Medo, para uma mulher corajosa, grande, resplandecente e livre, Tereza Medo Acabou.

As duas forças opostas de amor e morte funcionando psiquicamente juntas permitem que Tereza se torne livre da prisão, da submissão e do medo que entristecia a sua vida psíquica. O escritor Jorge Amado mostra em sua narrativa a força de Eros revelando para Tereza a descoberta do prazer, brotando “ternura e alegria” em lugar do medo, e Thanatos manifestando-se pelo seu “ódio desmedido”, agindo contra o capitão que “[...] deixou-a escrava no medo e o medo acabou” (AMADO, 1979, p. 183). Podemos perceber que a linguagem do romance caracteriza esse instinto agressivo de Tereza como um ódio, um sentimento de raiva destinado contra aquele que retira sua alegria de viver.

A presença da morte nesse episódio da narrativa está além de um ato de crime, assassinato ou um fim biológico de um ser vivo, significando um instinto que se revela em uma ação motora de agressão e destruição. Essa ação se manifesta no ser humano para que se defenda quando é atacado, incluindo entre seus dotes instintuais um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele, o próximo constitui-se também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para matá-lo, causar dano físico, conforme afirma Freud (2010c) em seu texto *O mal-estar na civilização*.

A finitude da vida reaparece novamente no cotidiano da protagonista Tereza Batista, sobrecarregando sua identidade psíquica com a morte do outro. Em duas vivências amorosas distintas, a morte de seus companheiros Emiliano e Januário Gereba, a protagonista experiencia os dois lados dolorosos da morte: o luto e a melancolia. As mortes dos dois amantes podem ser inicialmente entendidas como uma simples representação de cessação de vida, mas são relacionadas a outros significados ao compreendermos o comportamento emocional da personagem Tereza Batista. O luto, uma perda dolorosa de um elo significativo entre duas pessoas, em que é preciso lidar com o vazio deixado pelo objeto perdido, pode ser observado no romance com a morte de Emiliano, o que provoca uma triste separação, sendo então sentida e significada como

perda.

A morte como perda, conforme declara Kovács (1992), em um primeiro momento compreende o rompimento de um vínculo que ocorre de forma irreversível, principalmente quando a perda é real e concreta. Essa representação de morte mostra o envolvimento entre duas pessoas: uma que é o objeto perdido e a outra que lamenta essa falta. O outro momento é internalizado nas lembranças em uma situação de luto elaborado. Assim, a morte como perda produz sentimentos fortes, podendo então ser chamada de *morte sentimento* vivida por todos os seres humanos. A morte é um sentimento que dói, entristece, lastima e suspira. O luto é superado durante a narrativa e a protagonista é novamente capaz de conseguir estabelecer vínculos amorosos. Segundo Kovács (1992), esse comportamento é considerado um luto saudável em que ocorre a aceitação do mundo externo, ligada à perda definitiva do outro, e a modificação do mundo interno, reorganizando os laços que ainda permaneceram. Isso permite que na continuação da narrativa, em outro momento, a personagem viva uma nova relação amorosa.

Já a morte do novo objeto amoroso, Januário Gereba, ocorre de forma brusca e inesperada para a protagonista. Quando acontecem mortes inesperadas, afirma Kovács (1992), existe uma potencialidade de causar desorganização, paralisção e impotência na pessoa enlutada. A autora ainda declara que mortes inesperadas são muito complicadas devido ao fato de ocasionarem uma ruptura brusca sem haver nenhum tipo de preparação. Em casos de mortes repentinas podem se manifestar sentimentos de culpa muito fortes, como ocorre com a personagem ao sentir o remorso do peso das mortes que ela carregava.

A informação que a personagem recebe sobre a morte de Januário causa uma ruptura insuportável, pois representa a morte do outro, conseqüentemente, gerando um quadro melancólico em Tereza. O abatimento mental e físico faz com que uma pessoa perca a vontade de viver, fique com seu Ego vazio, vivencie um desânimo penoso e se sinta perdida em seu próprio mundo. Ao sentir uma profunda dor com a morte de Januário, a narrativa descreve o estado melancólico da personagem, de diminuição profunda de sua autoestima, definindo-a como “[...] condenada, insone, ausente, o coração morto, tinha o olhar de uma pessoa morta, um defunto vagando, morta, entregue, sem alegria, não lhe restam forças para pelear” (AMADO, 1979, p. 411-413). Tereza não tinha mais ânimo para prosseguir a sua vida, Tereza Batista estava Cansada de Guerra, revelando assim a condição mórbida que uma morte pode causar. Nesse entendimento sobre a condição melancólica de Tereza, a morte é significada na construção da narrativa como um pesar que identifica a personagem como se ela estivesse morta, carregada de defuntos. Como a própria narrativa conta, Tereza carregou o fardo penoso da morte nas

costas, vivenciando o abatimento e o desânimo, pois a morte tem esse peso que sobrecarrega, que oprime a força de vida, conduzindo ao vazio.

Todas essas manifestações de morte provocam mudanças psíquicas na personagem, levando a fortes alterações em seus sentimentos e personalidade. Além disso, também provocam mudanças em sua trajetória para outros cenários, já que a cada morte ocorre uma transição significativa para outro espaço no qual ela assume diferentes características: ao matar o capitão, ela passa de escrava sexual a amante do coronel Emiliano em sua chácara; quando este também morre, ela precisa ir embora, tornando-se uma prostituta forte e decidida em cabarés de outras regiões; ao saber da morte de Januário, Tereza, como prostituta, passa a viver como um ser morto e desanimado.

Os significados encontrados, interpretados e analisados nesta narrativa, com base na Psicanálise, mostram que a morte faz parte do processo psíquico de desenvolvimento humano. O modo como a protagonista vê a morte e como ela se manifesta certamente influencia e conduz a sua forma de ser e de sentir. Revelando-se como um fenômeno de característica psíquica de profundo medo, instinto agressivo, luto e melancolia, a morte se apresenta em distintas significações: a de um inimigo silenciador, de um ódio destruidor, de um sentimento de perda e de um peso mórbido. Todas essas significações são importantes para o comportamento emocional da protagonista, pois causam uma modificação em suas atitudes, movidas pela força destrutiva e agressiva que conduz à autodestruição e à morte psíquica do Ego. Assim, a personalidade da protagonista foi construída pelos seus processos mentais que reagiram diante do fenômeno da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escritor Jorge Amado, consciente das questões sociais da sua época e de sua região, sensível às discussões sobre as questões humanas, sofrimentos causados pela peste, fome e guerra, morte e amor, atento a tudo que o cercava, compõe entre o encontro da realidade e da ficção reflexões importantes sobre a finitude da vida, manifestando literariamente um pensar sobre a construção da morte em seu romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*.

A construção da morte no romance constitui-se como um artefato poético, reproduzindo entendimentos, subjetividades e diferentes caracterizações em relação a esse fenômeno. Essa força atua intensamente durante toda a narrativa, acompanhando o destino da personagem principal, tendo uma presença notável na construção ficcional do próprio texto. A linguagem utilizada no texto revela e expressa elementos caracterizadores que evidenciam o fenômeno da morte em diferentes significações: uma

força de perigo e silêncio que vive em Tereza, uma ação vingativa, um sentimento, um peso que sobrecarrega a vida dessa personagem.

A narrativa apresenta a morte como “[...] a evolução importante, a transformação dos seres e das coisas, a mudança” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 622). Essa transformação do ser da personagem que identificamos no romance revela uma mudança porque, em uma abordagem psicanalítica, a morte pode provocar sofrimento e o seu instinto agressivo estimula a energia psíquica, criando uma condição à ação humana e à reorganização da personalidade.

A Psicanálise, como área de reflexão, permite um entendimento das questões humanas, da sua relação com o outro e com o mundo através da finitude da vida. Perguntar, questionar e refletir sobre o fenômeno da morte é também pensar sobre si mesmo, pois esse fenômeno é um constitutivo da nossa essência, é o que o se tem mais próximo do homem e o que o faz compreender a si mesmo como um ser mortal. Constatamos, portanto, que a morte pode causar mudanças profundas na vida das pessoas: trajetórias são alteradas, o cotidiano é modificado, até mesmo a própria subjetividade humana pode ser renovada. Apesar de ser um assunto complexo, ler e pensar sobre a morte pode trazer um amadurecimento que permite enfrentá-la não somente como um evento temível, angustiante e perturbador, mas como uma ocorrência positiva que produz reflexões sobre a existência da vida e a própria condição humana.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Tereza Batista Cansada de Guerra**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

CARUSO, I. **A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

CASSORLA, R. M. S. Reflexão sobre a psicanálise e a morte. In: KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 90-110.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FREUD, S. Além do princípio do prazer [1920]. *In: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 120-178.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). *In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-191)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 127-144.

FREUD, S. Mal-estar na civilização [1930]. *In: Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 9-79.

FREUD, S. O Ego e o Id [1923]. *In: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-64.

FREUD, S. Obras completas, Totem e Tabu. *In: Totem e Tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 8-79.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia [1926]. *In: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 6-50.

FREUD, S. Teoria da Libido. *In: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 135-137.

GUMÉRY-EMERY, C. Depoimentos. *In: GOLDSTEIN, N. S. (Org.). Caderno de leituras: a literatura de Jorge Amado*. São Paulo: Schwarcz Ltda., 2008. p. 70-77.

KOVÁCS, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

Título em Inglês:

INSTINCT, FEELING AND MELANCHOLY: THE PSYCHIC SIGNIFICATIONS OF DEATH IN TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA